

Comunicações — Sessão 1

Registro iconográfico de Guilherme de Mello: uma investigação sobre a questão étnica em *A música no Brasil*

Gustavo Frosi Benetti¹

Pablo Sotuyo Blanco

PPGMUS-UFBA; RiDIM-Brasil/BA

Resumo:

A obra de Guilherme de Mello, *A música no Brasil desde os tempos coloniais até o primeiro decênio da República*, foi amplamente influenciada por teorias evolucionistas e racistas estabelecidas no Brasil a partir das últimas décadas do século XIX. No discurso de Mello é possível perceber um certo preconceito com relação aos nativos e, principalmente, aos negros, a quem trata como inferiores culturalmente. Em pesquisas musicológicas brasileiras a partir da década de 1980, acreditava-se que Mello fosse mulato, e esse desprezo fosse uma negação de sua suposta etnia. No entanto, nas recentes pesquisas desenvolvidas para o projeto de doutoramento *Guilherme de Mello revisitado: uma análise da obra 'A música no Brasil'*, foi possível questionar tal suposição e cogitar a possibilidade dele ter sido branco. Isto foi confirmado ao localizarmos um retrato fotográfico impresso em jornal. Assim, este trabalho se propõe a discutir as questões étnicas envolvidas na obra de Mello confrontadas com a iconografia correlata.

¹ Professor do Curso de Música da Universidade Federal de Roraima. Doutorando em Música, área de concentração Musicologia, pela Universidade Federal da Bahia. Bolsista do CNPq – Brasil.

Introdução

A obra intitulada *A musica no Brasil desde os tempos coloniaes até o primeiro decennio da Republica*,² de autoria de Guilherme Theodoro Pereira de Mello (1867-1932), é considerada entre os pesquisadores da musicologia brasileira a primeira do gênero. Fora publicada em 1908, na cidade de Salvador, Bahia. Daquele ano até a atualidade vem servindo como referência para outras obras, mas também é alvo de críticas, por vezes descontextualizadas. Além disso, até o presente momento não se encontrou estudo detalhado sobre o livro e seu autor, cuja biografia é praticamente desconhecida, exceto por alguns breves parágrafos em enciclopédias e dicionários específicos.

Um dos argumentos centrais do livro consiste na questão étnica, “racial”, da qual Mello utilizou-se para estruturar a obra a partir de “influências”. Percebe-se a intenção do autor em identificar uma espécie de “processo evolutivo” na música do país, ora por critérios étnicos, ora políticos. Na edição princeps, o único capítulo que destoava dessa visão progressista é o quarto. A seguir, na tabela 1, apresentamos a estrutura de capítulos do livro:

Tabela 1: Estrutura de capítulos do livro *A musica no Brasil*.

cap	título	conteúdo	pp.	observações
1	Influencia indígena e jesuítica	“período de formação” da música no Brasil pela interação entre os povos nativos e os jesuítas	9-28	
2	Influencia portuguesa, africana e hespanhola	“período de caracterização”, fusão da música dos indígenas catequizados, dos colonizadores europeus e dos escravos africanos	29-127	
3	Influencia bragantina	“período de desenvolvimento” devido principalmente à presença da família real	129-271	
4	Período de degradação	degradação pela marcante presença da música italiana, no final do império	273-296	suprimido na ed. de 1922
5	Influencia republicana	“período de nativismo” com a proclamação da república e um sentimento de nacionalidade	297-366	

² Além da 1ª edição de *A musica no Brasil*, de 1908, há ainda outras duas, de 1922 e de 1947. A de 1922 consiste em um capítulo do *Dicionario Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*, publicação em comemoração ao primeiro centenário da Independência. A de 1947, póstuma, fora publicada como a 2ª edição e conta com um prefácio escrito por Luiz Heitor Corrêa de Azevedo.

1. Sobre teorias e ideologias coevas

Um referencial identificável na obra de Mello consiste na figura de Silvio Romero (1851-1914), nome representativo de uma geração de intelectuais ligados à Faculdade de Direito do Recife. Desse autor, Mello citou diretamente os Cantos populares do Brasil. A obra não vai além de uma compilação de cantos de caráter folclórico, exceto pela introdução da segunda edição, de 1897,³ na qual Romero justifica o texto a partir de seus argumentos recorrentes sobre raça, evolução, civilização e a formação de um tipo brasileiro europeizado:

O que se diz das raças deve-se repetir das crenças e tradições. A extinção do trafico africano, cortando-nos um grande manancial de miserias, limitou a concorrência preta; a extinção gradual do caboclo vai também concentrando a fonte índia; o branco deve ficar no futuro com a preponderância no numero, como já a tem nas idéas.⁴

Esse desejo pelo embranquecimento da sociedade e pela “civilização” nos moldes europeus, no entanto, vai sendo percebido como impraticável no contexto brasileiro. A partir daí inicia-se um processo de adaptação dessas ideias, na tentativa de justificar a figura preponderante do mestiço. Tais procedimentos são perceptíveis na obra de Silvio Romero.

A partir da década de 1870 ocorreu no Brasil um processo de difusão de visões deterministas e de ideologias científicas europeias, como o positivismo, o darwinismo e o evolucionismo social. Dessas teorias, segundo Lilia Moritz Schwarcz, buscou-se “adaptar o que 'combinava' – da justificação de uma espécie de hierarquia natural à comprovação da inferioridade de largos setores da população – e descartar o que de alguma maneira soava estranho, principalmente quando essas mesmas teorias tomavam como tema os 'infortúnios da miscigenação’”.⁵

³ Na primeira edição de *Cantos populares de Brasil*, de 1883, a introdução fora escrita por Theophilo Braga. Para Romero, uma série de equívocos foram cometidos, pelas intervenções de Braga, e tal fato gerou a publicação intitulada *Uma esportezca*, de 1887, com críticas contundentes ao autor daquela introdução. Em 1897 Romero publicou uma “segunda edição melhorada”, substituindo o texto de Braga por um de sua autoria.

⁴ Silvio Romero, *Cantos populares do Brasil*, 2ª. ed. (Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1897), IV.

⁵ Lilia Moritz Schwarcz, *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930* (São Paulo: Companhia das Letras, 1993), 41.

O Brasil do final do século XIX, em profundas mudanças sociais com o fim da escravidão, precisava justificar a hierarquia das “raças” e seus diferentes critérios de cidadania. Para isso as teorias evolucionistas se adequavam. No entanto, a miscigenação era vista como um fator de degeneração, e sem uma justificativa plausível para tal seria impossível a formação de um ideal de unidade nacional. Foi a partir desse paradoxo, com uma espécie de ajuste nas teorias europeias, que se deu a valorização do tipo brasileiro miscigenado. Esse tema se apresenta de alguma forma nas obras do período, especialmente em Romero, e aparece como uma espécie de necessidade para justificar a miscigenação no Brasil. Na obra de Mello, fica evidente: “o povo português sob a influencia do clima americano e em contacto com o indio e o africano se transformou, constituindo o mestiço ou o brasileiro propriamente dito”.⁶

A frase ilustra o pensamento de Mello, mas também o espírito da época: teorias raciais, determinismo geográfico, predomínio do europeu sobre o nativo e o africano, e numa fusão de tudo isso, a mestiçagem como questão identitária nacional. O debate em torno da raça e da formação da identidade do brasileiro perpassa o discurso de Mello e é explícito desde os primeiros parágrafos da obra. O “sentimento da musica”, para o autor, é “uma resultante da constituição psychica do individuo, bem como da idiosyncrasia da raça a que pertence”.⁷

2. A “identidade” étnica de Mello

Até a atualidade muito se citou, algumas vezes se discutiu a sua obra, mas pouco se sabe sobre a sua biografia, quem de fato foi Guilherme de Mello. As informações se repetem entre os dicionários e enciclopédias de música: datas de nascimento e morte, educação no Colégio dos Órfãos de São Joaquim (Salvador-BA), atividade profissional na biblioteca do Instituto Nacional de Música (Rio de Janeiro-RJ). Considerando a escassez de dados sobre o autor, uma das propostas de nossa pesquisa de doutorado seria justamente investigar a biografia de Mello.

Algumas afirmações do autor, tais como, “hoje mesmo se encontram vestígios d'este canibalismo hediondo e crenças supersticiosas entre o populaço creoulo que ainda não se depurou e em cujas veias corre ainda o sangue

⁶ Guilherme Theodoro Pereira de Mello, *A musica no Brasil desde os tempos coloniaes até o primeiro decenio da Republica* (Bahia: Typographia de S. Joaquim, 1908), 6.

⁷ Mello, *A musica no Brasil desde os tempos coloniaes até o primeiro decenio da Republica*, 5.

inculto do africano”,⁸ e “o populacho que só sabe se divertir sambando e que nos tempos coloniais se achava mais em contacto com o africano do que mesmo com o europeu”,⁹ fizeram alguns pesquisadores acreditar que Mello fosse descendente de africanos, e que, portanto, seu discurso fosse uma negação de sua própria identidade. Nesse sentido, Veiga afirmara: “Ironicamente, o próprio Mello era mulato, todavia envolvido por sentimentos de inferioridade cultural”.¹⁰

No entanto, a partir dos documentos obtidos através de pesquisa arquivística, passou-se a suspeitar dessa suposta etnia de Mello. O registro de batismo, encontrado no Arquivo da Cúria Metropolitana Bom Pastor (Salvador-BA), apresenta o seguinte conteúdo:

Aos cinco de Septembro do Corr.e anno [1867]: Na Cap.la do Snr dos Afflictos, o / Rvd.o Coadjutor; Baptisou solemnemente a Guilherme, bn.o, com dous mezes / de id.de , f.o leg.o de Pedro Theodoro Per.a de Mello, e D. Elena Fran.ca Pereira / de Mello; forão padr.os o Cap.am Joaq.m Caetano dos Reis, e sua esposa D. Ame- / lia Machado dos Reis; todos moradores n'esta Freg.a ; e para constar, se / fez este assento q assingei.
O Vig.o [assinatura]¹¹

No registro do Colégio dos Órfãos de São Joaquim, referente à matrícula de Guilherme, há as informações que seguem:

Data da entrada: 1876 (Anno); 30 (Dia); Julho (Mez)
N. de ordem: 894
Nomes do Orfão: Guilherme Thed.ro Per.a de Mello
Nascimento: [?] (Dia); Julho (Mez); 1867 (Anno)
Naturalidade: Bahia

⁸ Mello, *A musica no Brasil...*, 15.

⁹ *Ibidem*, 36.

¹⁰ Manuel Veiga, “Toward a Brazilian Ethnomusicology: Amerindian Phases”, in *Por uma etnomusicologia brasileira: Festschrift Manuel Veiga*, org. Pablo Sotuyo Blanco (Salvador: PPGMUS UFBA, 2004), 286 [210]. “Ironically, Mello was himself a mulatto, beset however by feelings of cultural inferiority.”

¹¹ Paróquia da Vitoria – Batizados: 1863-1874, folha 47v.

Côr: Branco

Filiação: Pedro Theodoro Per.a de Mello

Nome do Requerente: Helena Fran.ca de Mello¹²

Em ambos os documentos apresentados, Mello é referido como “branco”. Em outros documentos encontrados sobre seus pais e irmãos as referências étnicas se repetem. Pela documentação encontrada na pesquisa, não há nenhum indício que vá ao encontro das suposições apontadas anteriormente por Veiga. Até então, aparentemente não havia nenhuma fotografia de Guilherme de Mello e sua fisionomia era desconhecida por musicólogos.

Durante a pesquisa em arquivos e bibliotecas de Salvador, encontramos alguns exemplares da 1a. edição de *A musica no Brasil* [...]. Um desses, particularmente, trazia uma informação inédita: um recorte de jornal, colado ao final do texto “preliminar”, na página 7 – tratava-se da fotografia de Guilherme de Mello. Apesar do impresso reticulado, consideravelmente deteriorado, foi possível realizar uma restauração digital da imagem (Figura 1).



Figura 1: Registro fotográfico de Guilherme de Mello.

¹² Casa Pia e Colégio dos Órfãos de São Joaquim: Livro de Matricula, folha 20. No documento original os dados estão expostos em formato de tabela. Neste artigo, por questões de espaço e disposição visual, alterou-se o formato, mantendo-se o conteúdo, inclusive a grafia da época.

Considerando-se o registro fotográfico e os documentos apresentados, pode-se inferir que a suposição sobre a afrodescendência de Mello não se sustenta. Portanto, o que foi considerado um sentimento de inferioridade em relação à etnia, pode ter sido unicamente a defesa de uma posição baseada em argumentos evolucionistas, deterministas e racistas, explicitada no livro.

Referências

- Mello, Guilherme Theodoro Pereira de. *A música no Brasil desde os tempos coloniais até o primeiro decênio da república*. Bahia: Typographia de S. Joaquim, 1908.
- _____. "A música no Brasil". In *Diccionario historico, geographico e ethnographico do Brasil*, 1:1621–1674. [2a. ed.] Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1922.
- _____. *A música no Brasil: desde os tempos coloniais até o primeiro decênio da república*. 2a. ed. [3a. ed.] Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1947.
- Romero, Sylvio. *Cantos populares do Brasil*. 2a. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1897.
- Schwarz, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- Veiga, Manuel. "Musicologia brasileira: revisita a Guilherme de Melo". In Sotuyo Blanco, Pablo (ed.). *Atas do I Colóquio Encontro Nordestino de Musicologia Histórica Brasileira*, 1–23. Salvador: PPGMUS-UFBA, 2012.
- _____. "Toward a Brazilian Ethnomusicology: Amerindian Phases". In Sotuyo Blanco, Pablo (Org.), *Por uma etnomusicologia brasileira: Festschrift Manuel Veiga*, 57–423. Salvador: PPGMUS UFBA, 2004.